

A CONSTRUÇÃO/RECONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS DA GEOGRAFIA ESCOLAR A PARTIR DO USO DO VÍDEO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA AUXILIAR

**José Nivaldo da Silva - ID¹, Josandra Araújo Barreto de Melo².
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.**

Resumo: É fundamental que os conceitos basilares da geografia na sala de aula sejam construídos; uma vez que esta construção é uma habilidade primordial e muito eficiente para entender o que é, e para que serve realmente a ciência geográfica. Além do mais, a compreensão desses conceitos favorece o entendimento do complexo quadro que é a sociedade globalizada. Acontece que, mesmo estando no ensino médio, alguns alunos das escolas públicas brasileiras ainda não atingiram esse processo efetivo de construção dos conceitos geográficos; fato que, de certa forma, impede ou limita a visão deles diante dos fatos cotidianos que os cercam. O seguinte trabalho foi elaborado a partir da experiência do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/UEPB) na Escola Polivalente no município de Campina Grande – PB. Sua atuação objetiva a melhoria da *práxis* no processo de ensino-aprendizagem através da inserção de novas metodologias que contribuem para qualificar, ao mesmo tempo, o ensino e a aprendizagem do professor e alunos. O vídeo, nesse caso, foi escolhido como recurso promotor e auxiliar do processo de construção de conceitos por parte dos alunos de geografia com a tarefa de dinamizar este procedimento e torná-lo significativo para os discentes.

Palavras-chave: Construção de Conceitos; Vídeo; PIBID; Geografia; Ensino-aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

O ensino da Geografia tem apresentado, ao longo do tempo, características que se conservam, mesmo diante das contínuas mudanças ocorridas no espaço. A sociedade que atualmente se encontra em constantes transformações exige do ensino posturas modernas, que sejam capazes de inserir o aluno na modernidade.

¹Aluno de licenciatura do curso de Geografia e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

²Professora do Departamento de Geografia e coordenadora da Área de Geografia no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB.

Diante disso, pode-se dizer que o ensino de geografia, assim como outras disciplinas, se encontra num processo de crise por não conseguir se encontrar epistemológica e metodologicamente frente à dinâmica da atual sociedade. Esta crise relaciona-se também ao velho dilema de qual seria o objeto de estudo da geografia e sobre como abordá-lo em sala de aula, de forma a tornar o aprendizado útil para o aluno.

Diante disso, fica evidente que é chegada a hora de utilizar novas alternativas metodológicas objetivando a melhoria na qualidade do ensino em sala de aula. Inúmeros trabalhos tem se direcionado para essa proposta, indicando metodologias capazes de tornar as aulas mais dinâmicas, além de melhorar o desempenho do professor e o aprendizado dos alunos, dentre estes, podem-se destacar as experiências realizadas por BARBOSA (2004), TONINI (2011) e MOREIRA (2012).

Nessa perspectiva, o vídeo desponta como um recurso metodológico bastante eficaz. Todavia, de acordo com Fantin (et al. 2010), tal ferramenta em si não traz grandes mudanças, pois é o professor que tem o papel de mobilizar o aluno até o conhecimento e orientá-lo para a construção do mesmo. Isto demonstra que o vídeo não surge para a resolução dos problemas do aprendizado ou como um “produtor de conhecimento”, sua função é de conduzir a aula para um caminho mais proveitoso e participativo.

Os jovens da sociedade contemporânea, como afirma Vesentini (2009) leem menos que as gerações anteriores e, por outro lado, “passam mais tempo na frente do vídeo ou do monitor. Em termos relativos, (...) têm uma cultura menos livresca e mais visual” (p.65). Isso explica, em parte, a grande desmotivação demonstrada pelos alunos durante as aulas de geografia que tem o livro como principal e, às vezes, único instrumento responsável por conduzir ao aprendizado. Livro este que tem sido renegado por uma grande faixa dos jovens que vislumbram nos aparelhos tecnológicos uma situação de comodidade não encontrada nos mesmos que são, geralmente, considerados pesados e com textos muito extensos.

Infelizmente, ainda se convive com uma geografia enciclopédica (FANTIN et al. 2010), que resulta em aulas cansativas onde os conteúdos devem ser categoricamente memorizados pelos alunos e professores. Os alunos, cheios de fontes de informação e conhecimento, sentem-se inertes frente às aulas que apenas exigem a leitura e memorização de informações que, possivelmente, serão usadas em provas futuras.

Como pode um professor ensinar aos jovens somente com *quadro e giz* se eles estão saturados de formas comunicacionais e culturais que interagem diariamente com eles, se convivem com um complexo e diversificado aparato tecnológico que permite experimentar a sensação de plena conexão com o mundo? Um mundo dominado por dispositivos visuais! (TONINI, 2011, p. 95, grifo nosso).

Porque não utilizar nas aulas aquilo que os alunos têm em mãos, aquilo com que convivem diariamente e conhecem bem? Os aparatos que os jovens dispõem os colocam em sintonia com o mundo todo. Mundo este que, em se tratando de geografia, está sempre em pauta e com todas as possibilidades de ser problematizado por muitos dispositivos tecnológicos.

Nesse aspecto, o vídeo se enquadra como material adequado para auxiliar, dinamizar e melhorar o desempenho dos alunos nas aulas de geografia. É um recurso acessível, fácil de usar e é do interesse e conhecimento de boa parte dos alunos, além de possibilitar a visualização do espaço geográfico sem que seja preciso sair da sala de aula ou se prender unicamente ao livro didático.

Mediante o exposto, este trabalho tem como objetivo principal analisar a experiência desenvolvida com o uso desse recurso nas aulas de Geografia, visando auxiliar na construção/reconstrução de conceitos na geografia escolar no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB, com atuação na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro Figueiredo – Polivalente, localizada na cidade de Campina Grande, PB.

(...) os avanços na revolução técnico-científica e na globalização, somados às radicais mudanças no mercado de trabalho, exigem uma escola voltada não somente para desenvolver a inteligência dos educandos, (...) mas também voltada para discutir os grandes problemas do mundo (VESENTINI, 2004, p.22).

A escola, assim, assume um papel bem mais abrangente numa sociedade complexa, onde as relações tem se modificado substancialmente. Ela deve ter o dever de criar indivíduos críticos e reflexivos, atuantes na dinâmica da sociedade capitalista que se configura como exploradora e, desse modo, necessita ser conhecida pelos indivíduos inseridos nela.

Mas, ainda para Vesentini “O sistema escolar (...) foi e ainda é funcional e até estratégico para a reprodução da sociedade capitalista ou moderna” (2004, p.16). Surge

então um dilema na escola quanto a sua função e objetivo de formar indivíduos livres e conscientes ao mesmo tempo em que sua estrutura é criada para a reprodução do sistema capitalista.

O próprio Vesentini aponta uma alternativa para este dilema sugerindo que a educação e o ensino são, simultaneamente, instrumentos dominadores e libertadores.

Mas a escola não é apenas uma instituição indispensável para a reprodução do sistema. Ela é também um instrumento de libertação. Ela contribui – em maior ou menor escala, dependendo de suas especificidades – para aprimorar ou expandir a cidadania, para desenvolver o raciocínio, a criatividade e o pensamento crítico das pessoas, sem os quais não se constrói qualquer projeto de libertação, individual ou coletivo (op. cit. p.16).

Porém, para que isso venha a ocorrer são necessárias novas formas de gerir a escola e maneiras dinâmicas de realizar o processo de ensino e aprendizagem.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é resultado da ação do grupo de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB, que tem por objetivo fundamental proporcionar a melhoria da prática docente nas salas de aula das escolas públicas brasileiras, além de proporcionar maior aproximação entre os estudantes de licenciatura e o seu futuro local de trabalho – a escola –, ampliando seus conhecimentos sobre as relações que na mesma se estabelecem.

O público alvo a que se destina a referida abordagem são as duas turmas do 1º ano ('E' e 'F') e do 2º ano 'C', todas pertencentes ao turno da tarde, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro Figueiredo (Polivalente), localizada no bairro do Catolé, na cidade de Campina Grande – PB.

Ficou claro que nas turmas citadas havia certa dificuldade com relação à interpretação de alguns conceitos básicos da geografia, desde as categorias geográficas até outros de fundamental importância para o entendimento desta disciplina escolar como sustentabilidade, globalização e sociedade, por exemplo.

Partindo deste princípio, foi constatada a necessidade de agir no sentido de promover o desenvolvimento destes conceitos fundamentais para se compreender a

geografia. Esse desenvolvimento (construção/reconstrução conceitual) se daria através de uma metodologia capaz de gerar uma dinamicidade maior e privilegiar a participação e a palavra de cada aluno. Nesse sentido, foi escolhido o vídeo como recurso didático-metodológico responsável por auxiliar esse processo que, na visão dos bolsistas, deve partir do aluno e nele se desenvolver.

Promover o processo de construção de conceitos e, ao mesmo tempo, a reconstrução deles é uma ação que exige muito da participação do principal agente nesse procedimento: o aluno. É dele que deve partir a atitude de construção dos conceitos geográficos. Partindo deste princípio, fica evidente que o método adequado para trabalhar com o vídeo em sala de aula e promover a construção conceitual a partir da iniciativa do aluno é o método socioconstrutivista.

É sócio porque compreende a situação de ensino-aprendizagem como uma atividade conjunta, compartilhada, do professor e dos alunos, como uma relação social entre professor e alunos ante o saber escolar. É *construtivista* porque o aluno constrói, elabora, seus conhecimentos, seus métodos de estudo, sua afetividade, com a ajuda da cultura socialmente elaborada, com a ajuda do professor (LIBÂNEO, 1995, p. 06, apud CAVALCANTI, 2010, p. 139. Grifo do autor).

No início do contato com as turmas da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente) ficou evidente a falta de motivação por parte dos alunos no que se refere ao aprendizado geográfico. Desmotivação relatada por eles (através de um questionário) como decorrência das práticas metodológicas de professores anteriores.

Nas observações em sala evidenciou-se que os discentes mostravam, mesmo estando em séries consideradas “adiantadas” (1º e 2º ano), imensa dificuldade em compreender e problematizar os conceitos fundamentais para o entendimento da disciplina de geografia. A dificuldade mencionada por eles pode ser atribuída à falta de estímulo metodológico durante as aulas.

Diante desta situação viu-se a necessidade de uma proposta de intervenção voltada para combater, de maneira conjunta, a falta de motivação nas aulas de geografia e a dificuldade de construir ou reconstruir os conceitos estruturantes da referida disciplina. Surgiu a possibilidade de utilização do vídeo como recurso didático auxiliar no processo de construção desses conceitos da geografia e também como alternativa para estimular os docentes ao aprendizado.

Foi evidenciado que durante a exibição do conteúdo midiático os alunos despertaram uma visão mais entusiasmada sobre a geografia, demonstrando mais interesse no conteúdo abordado; e quanto aos conceitos, foi possível notar uma apreensão mais direta por parte deles, podendo considerar que a proposta está sendo substancialmente positiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Observando as aulas ministradas pela professora regente, em que o principal e às vezes único recurso metodológico era o livro didático, ficou estabelecido que esta proposta de intervenção teria como foco o uso do vídeo como recurso didático auxiliar na construção de conceitos fundamentais para a compreensão da Geografia como disciplina escolar e como ciência.

Assim, as intervenções desenvolvidas visaram à inserção do vídeo com vistas a atrair o foco dos alunos para os conteúdos trabalhados e, dessa forma, promover a construção dos conceitos estruturantes da Geografia, haja vista que, de acordo com relatos dos alunos, não existia até então o hábito de utilizar o vídeo enquanto ferramenta didática. Algumas pesquisas como a de SANTOS & CHIAPETTI (2011) têm mostrado que este recurso vem assumindo cada vez mais espaço nas salas de aula e que a aprovação dele pelos alunos é muito significativa.

A primeira intervenção feita nessa modalidade ocorreu na turma do 2º ano, quando o conteúdo abordado foi “A Constituição e Organização Espacial do Brasil”. Observou-se que a turma não conseguia manter-se atenta durante a explanação da professora ancorada no livro didático. Assim, foi proposta a utilização do vídeo visando atrair e manter a atenção dos educandos para o tema da aula em discussão³.

Ficou decidido fazer a exibição de um documentário (devidamente escolhido e analisado) de aproximadamente 15 minutos sobre o conteúdo e, a partir do mesmo, discutir a temática. Durante a exposição, foi possível observar que a maioria dos alunos manteve

³ A ressalva a ser feita é que a utilização de recursos audiovisuais surtiu efeito na questão da atenção dos alunos durante a aula. Eles mostraram estar engajados e dispostos a receber esse novo instrumento metodológico nas aulas de Geografia.

um foco não percebido quando o mesmo conteúdo foi discutido apenas com o livro didático, comprovando a habilidade cativante desse recurso.

Esse resultado foi encontrado também no trabalho de Ferreira (2010), quando o autor afirma que “[...] a curiosidade, o respeito e o civismo, foram atitudes demonstradas pelos alunos durante toda a exibição do documentário” (op. cit., p. 62). Contudo, o mesmo alerta para fato de existir alguns componentes distrativos no vídeo que podem retirar a atenção para o real objetivo da utilização do recurso. Isso foi constatado durante esta aula, quando uma minoria dos alunos acabou se dispersando para outras questões não tão relevantes para a compreensão do assunto proposto, requerendo a habilidade da equipe para resgatar os objetivos da aula.

Uma segunda intervenção com o uso do vídeo também ocorreu no 2º ano. Na abordagem, o objetivo do uso do recurso era constatar a sua importância no processo de construção dos conceitos geográficos. O tema da aula foi “A Região Geoeconômica da Amazônia”. Com relação a este conteúdo, verificou-se nos alunos a dificuldade de analisar e interpretar os conceitos exclusivamente através do livro didático, haja vista o pouco conhecimento acumulado acerca da região.

Foi escolhido um documentário de aproximadamente 30 minutos discutindo os aspectos geográficos da região geoeconômica da Amazônia. Durante essa exposição, os discentes demonstraram um comportamento semelhante ao da primeira experiência. Porém, além de manterem a atenção na exibição, foram orientados a fazerem anotações de trechos do documentário considerados previamente pela equipe como sendo interessantes.

Após a visualização do documento, foram aplicadas aos discentes algumas questões referentes ao assunto contido no livro como forma de avaliação. Porém, ficou estabelecido que eles poderiam utilizar de argumentos presentes no documentário para fundamentar e justificar suas respostas. Assim, aqueles que fizeram as devidas anotações das partes consideradas importantes do filme tiveram outra fonte de consulta, fato que se refletiu na boa desenvoltura dos estudantes.

Os resultados obtidos foram muito satisfatórios, já que os argumentos dos estudantes presentes nas questões remetiam às informações contidas, tanto no livro didático quanto no documentário, reforçando o papel auxiliar do vídeo. Percebeu-se que, diante do exposto no vídeo, os alunos conseguiram fazer a interpretação dos fatos e, baseados neles, apreenderam os conceitos geográficos por meio das imagens.

Foi notado, a partir daí, que a aquisição do conhecimento e a construção e reformulação dos conceitos é um processo que depende do indivíduo e de sua própria percepção dos fatos; o vídeo tem apenas o papel de expor tais fatos de maneira mais dinâmica e atrativa despertando o interesse nos expectadores. Essa mesma constatação foi feita por Barbosa (2004) quando este afirma que “A realidade do real ou da ficção não é um dado nem é dada de imediato pelo ‘acontecimento’ na tela. A realidade é construída por meio das leituras do sujeito observador” (ibidem, p. 115).

Cavalcanti (2005) também verifica este fato ao afirmar que “(...) são os próprios alunos que formam seus conceitos sobre as coisas, e o professor é um mediador nesse processo ao trabalhar com a linguagem geográfica, ao propiciar a negociação/apropriação de significados” (p. 204).

O fato é que toda a proposta elaborada passou pelo crivo e aprovação da professora regente, o que não poderia ser diferente já que o papel do professor diante das novas tecnologias é adequar-se e conhecer o máximo possível as mesmas para não ficar alheio às inovações. Além disso, sua prática docente só terá êxito se ele tiver o pleno conhecimento do que está prestes a apresentar para seus educandos. Nesse sentido, segundo Moreira (2012) “Cabe, frente a isto, uma análise crítica do professor antes de utilizar algum filme, bem como efetivar o seu papel de mediador nas discussões de sala de aula sobre alguma obra audiovisual” (ibidem, p. 63).

Diante destas constatações, fica claro o papel que o vídeo assume diante das dificuldades que surgem no processo de ensino-aprendizagem. Sua forma dinâmica de abordagem dos temas geográficos é, sem dúvida, uma de suas grandes potencialidades, característica que cada vez mais o torna útil e aceitável na sala de aula e no ensino, uma vez que este necessita de renovação. Asseverando a importância do vídeo em sala, Barbosa (2004) afirma:

O papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos. Trata-se, portanto, de um movimento da apropriação cognitiva da relação espaço-imagem e, principalmente, da criação de sujeitos produtores de conhecimento e reconhecimento de si mesmos e do mundo (ibidem, p. 112).

O professor, assim como o aluno, deve entender que o vídeo é um instrumento auxiliar para alcançar e produzir conhecimentos; e não um meio de distração para

substituir uma importante função da Geografia escolar, que é ensinar o aluno a ler o mundo em suas múltiplas dimensões. Ao contrário: o vídeo dá subsídios para que essa leitura crítica do mundo seja mais eficaz.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é de hoje que o ensino público brasileiro tem apresentado fraquezas e vem dando exemplos de que necessita de uma renovação urgente. A intervenção do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem se mostrado bastante eficaz no que diz respeito à melhoria na qualidade do ensino nas escolas públicas do Brasil e contribui, conseqüentemente, para essa renovação. Qualidade geralmente limitada por um ensino ainda enciclopédico e muito tradicional.

A proposta que o PIBID trouxe para a sala de aula de Geografia está voltada para esse desapego ao tradicionalismo. As intervenções feitas através do uso do vídeo de maneira planejada tiveram como função garantir para professor e alunos aulas mais interativas e com resultados mais satisfatórios para ambas as partes.

Os alunos contemplados pelo referido projeto na Escola Polivalente demonstraram uma melhora significativa na participação das atividades ocorridas na sala de aula. Por outro lado, o professor titular que ao dar sua aula necessita estar em sintonia com as inovações conceituais e metodológicas, recebeu muito bem o projeto, dando todo apoio às inovações.

Acontece que ainda é apenas o começo. Os resultados obtidos até agora pelo projeto são a confirmação de que o PIBID tem muito para oferecer às escolas públicas deste país, dando sempre mais colaborações no sentido de incrementar as aulas, preparar e atualizar os professores para os novos desafios, despertar no aluno o senso crítico, além de contribuir no tocante ao acúmulo de experiências para os bolsistas dos cursos de licenciatura do país.

5. AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio concedido, mediante bolsas, efetuado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e Cinema: Em Busca de Aproximações e do Inesperado. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A geografia na sala de aula**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 109-133. Capítulo 08.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16 ed. Campinas: Papirus, 2010.

FANTIN, Maria Eneida; TAUSCHECK, Neusa Maria; NEVES, Diogo Labiak. **Metodologia do Ensino de Geografia**. 2 ed. Curitiba: IBPEX, 2010.

FERREIRA, Eurico Costa. **O uso de audiovisuais como recursos didáticos**. In: Dissertação (stricto sensu) Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de História e Geografia, 2010.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 17 ed. São Paulo: Papirus, 2010.

MOREIRA, Tiago de Almeida. **Ensino de geografia com o uso de filmes no Brasil**. Revista do Departamento de Geografia – USP, São Paulo, v. 23, p. 55-82, 2012.

SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. **Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática**. Geografia Ensino & Pesquisa, Santa Maria, v. 15, n. 3, set./dez. 2011.

TONINI, Ivaine Maria. Para pensar o ensino de geografia a partir de uma cultura visual. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2011, p. 93-103. Cap. 06.

VESENTINI, José William. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A geografia na sala de aula**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 14-33. Capítulo 02.

VESENTINI, José William. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009.